

Paisagem, memória e retratos dos territórios reais e imaginários: os sertões de Rosa e Rulfo.

Landscape, Memory and Portraits from the Real and Imaginary Territories: Rosa's and Rulfo's Backlands.

Ana Marina Costa¹

Resumo: A narração e o retrato (seja ele estático ou dinâmico), como formas de expressão artística e reflexão crítica, são importantes aliados para a investigação social e cultural dos espaços reais e imaginários em que a existência humana se desenvolve. Exponentes dessas áreas são o escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967) e o escritor e fotógrafo mexicano Juan Rulfo (1917-1986). A partir da análise de suas criações poéticas, textuais e imagéticas, mergulhamos no lugar Sertão (de simbiose entre o homem e a paisagem), reconhecemos certas raízes da modernidade dos dois países e reivindicamos as memórias dos povos-nações ali estampadas. A partir de suas narrativas, nas quais a paisagem não aparece como mero cenário, mas sim como maneira de pensar, viver, resistir, buscamos contribuir para a visibilidade desses Sertões e de suas geografias humanas; e também colaborar com a ampliação do conhecimento estruturado no que tange aos métodos de intervenção projetual e preservação.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Juan Rulfo. Sertão.

Abstract: Narration and portraits (either static or dynamic), as forms of artistic expression and critical reflection, are important allies for the social and cultural investigation of the real and imaginary spaces in which human existence develops itself. Exponents of these areas are the Brazilian writer João Guimarães Rosa (1908-1967) and the Mexican writer and photographer Juan Rulfo (1917-1986). From the analysis of their poetic, textual and visual creations, we delve into the Backland place (of symbiosis between man and landscape), we recognize certain roots of the modernity of the two countries, and claim the memories of the people-nations stamped there. From their narratives, in which the landscape does not appear

¹ Ana Marina Costa é arquiteta graduada pela FAU USP, São Paulo, SP.
anamarinacosta@gmail.com

as a mere scenario, but as a way of thinking, living, and resisting, we seek to contribute to the visibility of these Backlands and their human geographies; and also to collaborate with the expansion of structured knowledge regarding the methods of design intervention and preservation.

Keywords: Guimarães Rosa. Juan Rulfo. Sertão.

Muitas manifestações artísticas se mostram solidárias às reflexões críticas dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo e podem colaborar para além da crítica projetual, passando a informar novas abordagens metodológicas para a investigação social e cultural dos espaços reais e imaginários de diferentes territórios, a partir de suas memórias, seus patrimônios. A narração e o retrato (seja ele estático ou dinâmico), são formas de expressão artística e reflexão crítica importantes nesse processo, e muitos recortes temáticos poderiam surgir da análise desses suportes. Diante de uma historiografia já bastante debatida acerca de uma constituição de modernidade, parece ainda haver espaço para se discutir o que aparentemente escapa a esse modelo, que é ainda subestimado ou tomado como coadjuvante. Chega-se assim a uma possível figura do Sertão, a ser entendido como uma alegoria dos fundamentos da arte e da vida e como espaço de desenvolvimento da existência humana. Nele podem ser identificados conflitos crônicos marcados pelo pacto social e econômico decorrente da colonização, ampliados pela lógica do progresso capitalista que acompanhou o estabelecimento das cidades latino-americanas.

Nessas chaves, ganham evidência os nomes do escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967) e do escritor e fotógrafo mexicano Juan Rulfo (1917-1986). Parte significativa da obra desses autores resulta em retratos materiais e fantásticos de regiões geográficas e culturais, e colocam o Sertão como lugar simbólico para o desenvolvimento da modernidade brasileira e mexicana (JORGE, 2020). Em suas obras, a partir das paisagens sertanejas, encontra-se a possibilidade de olhar para esses países de maneira sensível, contemplando suas colossais distâncias geográficas, políticas e

sociais; e levando em conta um saber viver tradicional, divergindo assim dos aspectos e definições formais de modernidade.

Aproximar-se desses escritores, suas literaturas e imagens, é entender suas narrativas como criadoras e criações de um imaginário não apenas do Sertão, mas também universal. Em que medida os relatos e as imagens reveladas por Guimarães Rosa e Juan Rulfo – criadas a partir de suas viagens e origens – ajudam a desenvolver uma metodologia de análise da realidade de ambos autores, dos que ali viveram e, sobretudo, dos que vivem nesses lugares? Pensar e mergulhar na produção dos autores mencionados, atravessando suas obras, possibilita iluminar questões que possam emergir, abraçando-as como ensinamentos de uma cultura latina atemporal. Da vasta produção textual de Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956) emerge como escolha incontornável, ainda que a pesquisa não desconsidere a relevância de seus outros escritos. De Rulfo, incontornável é *Pedro Páramo* (1955), que possui relevância análoga dentro da produção literária latino-americana. Da produção bastante enxuta do autor mexicano, são ainda escolhidos o conto “Nos han dado la tierra” (publicado em *El Llano en Llamas* em 1956), além da obra editada póstumamente *100 fotografías* (2010), que reúne a produção fotográfica do autor entre os anos 1940 e 1960. O Sertão e o Llano são territórios geográficos físicos (o primeiro se dá nas divisas dos estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia, enquanto o segundo é parte integrante do sul do estado mexicano de Jalisco), porém se apresentam sem bordas, sem limites, sem fronteiras.

Algumas abordagens

Luis Antônio Jorge, em “Guimarães Rosa: lugares - em busca do ‘quem das coisas’ (um estudo sobre a construção do carro de boi, no sertão roseano)”, aponta os lugares roseanos como forma de caracterizar uma cultura e, ao fazê-lo, assimilá-la. Ao se debruçar sobre o reconhecimento da cultura material, em especial dos carros de boi, derivado da leitura do conto

“Conversa de Bois” (ROSA, [1946] 2019a), o autor documenta o ofício da feitura desses carros, defendendo a hipótese de que esses são “um engenho que fala dos temperamentos dos bois, das madeiras e dos mestres carreiros do lugar.” (JORGE, 2010, p.4)

Vale lembrar a contribuição de Stephany Altruda, “Aproximações e Veredas: Poéticas De Rosa E Lina”, em que a conexão entre a arquitetura e a arte se dá a partir da análise de “Grande Sertão: Veredas” (ROSA, [1956] 2019b) e a Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Minas Gerais (Lina Bo Bardi com colaboração de André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz, 1976). Altruda constrói uma análise de comparação metodológica a partir de Lina, Rosa e o tema do “vernacular” na arquitetura moderna, com um desejo de “instigar um estado interdisciplinar conectando esses dois campos de atuação, literatura e arquitetura, a fim de que nossa capacidade de “pensar por imagens” seja estimulada e preservada.” (ALTRUDA, 2019, p.2) Assim, a contemporização entre o erudito e o popular, o moderno e o vernacular, com especial interesse no saber não formal, deve ser investigado, o que ainda é pouco explorado na prática projetual (muito embora existam exemplos notáveis, mas isolados, como os de Lina Bo Bardi).

Mesmo contando com um aparato bibliográfico considerável à respeito dos autores, faz-se necessário expandir a análise dos elementos metodológicos aplicados na plataforma imagética da narração. No caso de Rulfo, já se tem à disposição sua própria produção fotográfica para análise. No caso de Rosa, é preciso buscar fontes que concedam materialidade sensível às paisagens, populações e memória rosianas e brasileiras. O fotógrafo Araquém Alcântara, em *Sertão sem Fim* (2009) e *Veredas* (2014), emprega processo análogo ao de Rosa, que utilizava as viagens como forma de estar na paisagem, “como método para expor, subjetivamente, diálogos entre o dentro e o fora de nós” (GRINOVER, 2018), e oferece registros do espaço geográfico e cultural do sertão brasileiro. Já Maureen Bisilliat, em *A João Guimarães Rosa – Fim de rumo, terras altas, urucúia* (1969), incentivada e em diálogo com o próprio escritor, apresenta a sua afetiva representação do universo e personagens de *Grande Sertão: Veredas*.

No que diz respeito ao suporte audiovisual, vale lembrar o nome de Eduardo Coutinho, reconhecido como uma das referências mais importantes para o documentário brasileiro a partir da memória própria daqueles que representa (assim como nossos escritores de interesse). O cineasta deu voz, protagonismo e visibilidade a diversas populações, sejam elas dos rincões ou das metrópoles brasileiras. Desta forma sua produção cinematográfica se torna de grande interesse. Destacam-se “Theodorico, o imperador do sertão” (1978), e “Exu: Uma Tragédia Sertaneja” (1979), médias metragens que, através de relatos de seus próprios protagonistas – o povo –, lançam luz acerca de suas realidades, ocupação dos territórios e modos de vida decorrentes, entre outros, do sistema coronelista nordestino.

Dessa forma, a partir de suas narrativas, nas quais a paisagem não aparece como mero cenário, mas sim como maneira de pensar, viver, resistir (“o Sertão é o Mundo”, CÂNDIDO, [1966] 2004), busca-se contribuir para a visibilidade desses Sertões e de suas geografias humanas; e também com a ampliação do conhecimento estruturado no que tange aos métodos de intervenção projetual e de preservação em sentido amplo.

REFERÊNCIAS

ALTRUDA, Stephany, E Zein, Ruth. **Aproximações e Veredas: Poéticas de Rosa e Lina**. 2019. Jornada de Iniciação Científica e Mostra de Iniciação Tecnológica - ISSN 2526-4699.

CANDIDO, Antonio. **Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa**. In Vários escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 2004.

GRINOVER, Marina. **Narrativa e paisagem: Relato de viagem ao sertão de Guimarães Rosa**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 213.03, Vitruvius, fev. 2018 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.213/6898>
<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvjornada/paper/view/1358/902>

JORGE, Luís Antônio. **Viagens ao sertão: a busca da poesia como método de abordagem do Brasil e do México**. In Os sertões de Rosa e Rulfo: intercâmbios culturais entre Brasil e México. Anais ENANPARQ 2020. <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/SL/22053.pdf>

JORGE, Luís Antônio. **Guimarães Rosa: lugares - em busca do “quem das coisas” (um estudo sobre a construção do carro de boi, no sertão roseano)**. Anais ENANPARQ 2010. <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/142/142-782-1-SP.pdf>

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Global Editora. 2019a.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras. 22º edição. 2019b.

RULFO, Juan. **100 fotografias**. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

RULFO, Juan. **El Llano en Llamas**. In Obra. Barcelona: Editorial RM. 2018.

RULFO, Juan. **Pedro Páramo**. In Obra. Barcelona: Editorial RM. 2018.